

**NIEP
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
Crise estrutural do capital: uma interpretação da atual depressão econômica			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Henrique Pereira Braga	Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	Doutorando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O objetivo deste trabalho é apresentar o conceito de “crise estrutural do capital”, tal como apresentado por Mészáros em seus textos reunidos em “A Crise Estrutural do Capital” e “Reprodução Destrutiva e Estado Capitalista”, a fim de expor uma forma de interpretação da depressão econômica desencadeada pela crise financeira de 2008 que escape tanto do diagnóstico de crise conjuntural quanto do diagnóstico de crise “estrutural”, no qual se entende por “estrutura” a <i>forma</i> de organização do capitalismo. Ao contrário destas interpretações, Mészáros apresenta o esgotamento do capitalismo enquanto forma de organização social capaz combinar crescimento econômico capitalista e desenvolvimento humano, apresentando as saídas à crise econômica em curso, da perspectiva do capital, como saídas crescentemente desumanizadoras e comprometedoras da existência humana.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Crise Estrutural, Capitalismo e Riqueza			
ABSTRACT			
<p>The aim of this paper is present the concept of "structural crisis of capital", as presented by Mészáros in "The Structural Crisis of Capital" and "Destructive Reproduction and Capitalist State", in order to expose a form of interpretation of the economic recession - emerged of the 2008 financial crisis - that escape of the diagnosis which the crisis is a conjunctural crisis or it is a structural crises, in which “structural” refers to the form of organization of capitalism. Unlike these interpretations, Mészáros shows the exhaustion of capitalism as a form of social organization that can combine capitalist economic growth and human development. The exits for the economic crises, of the perspective of capital, is increasingly dehumanizing and compromising the human existence.</p>			
KEYWORDS			
Structural Crisis, Capitalism, Wealth			
EIXO TEMÁTICO			
Marx, o marxismo e o Estado			

Introdução

A depressão econômica, desencadeada pela crise financeira de 2008, e as convulsões sociais decorrentes desta depressão abriram espaço para uma série de debates sobre os rumos da sociedade capitalista. No campo da reflexão sobre economia, passou-se, por um lado, a discutir as políticas econômicas necessárias para conter a crise e para retomar o crescimento econômico capitalista e, por outro lado, discutem-se os impasses do capitalismo e as possibilidades de práticas políticas em direção à superação desta sociabilidade. Tais reflexões, por sua vez, trazem diagnósticos distintos sobre a permanência da crise econômica aberta pela crise financeira de 2008, filiando-se, em linhas gerais, ao caráter conjuntural ou estrutural desta crise.

No presente trabalho, objetiva-se apresentar o conceito de “crise estrutural do capital” tal como apresentado por Mészáros (2009;1989), a fim de expor uma forma de interpretação da crise econômica em curso que escape tanto do diagnóstico de crise conjuntural quanto do diagnóstico de crise “estrutural”, no qual se entende por “estrutura” a *forma* de organização do capitalismo. Essa compreensão de estrutura, por seu turno, veicula a possibilidade de se contornar a atual crise econômica nos marcos do capitalismo, por via da reorganização desta sociabilidade por meio da intervenção do Estado, de maneira a conjugar desenvolvimento econômico capitalista e desenvolvimento humano.¹ Ao contrário destas interpretações, Mészáros apresenta o esgotamento do capitalismo enquanto forma de organização social capaz combinar crescimento econômico capitalista e desenvolvimento humano, apresentando as saídas à crise econômica em curso, da perspectiva do capital, como saídas crescentemente desumanizadoras e comprometedoras da existência humana.

A seguir, será apresentado o conceito de “crise estrutural do capital”. Em conjunto com a exposição deste conceito, serão mostrados os seus desdobramentos, no interior da análise proposta por Mészáros do capitalismo em sua atual fase histórica, para o conjunto das relações humanas.

O conceito de crise estrutural do capital

Os conturbados eventos socioeconômicos dos últimos 40 anos são o ponto de partida da análise de Mészáros para apresentar o quadro geral da atual etapa histórica do capitalismo. Em todos esses episódios, revelou-se a crescente *incontrolabilidade* da reprodução do capital, traço característico da “crise estrutural do capital”.²

¹ Embora não seja o objeto do presente trabalho, recomenda-se o texto de Guttmann (2008) para introduzir esse tipo de visão sobre a atual crise econômica.

² Ver Mészáros (2009, p.17-74).

O crescimento da incontornabilidade da reprodução do capital se manifestou no final dos anos de 1960, momento no qual o capitalismo não mais conseguia conjugar sua reprodução com a manutenção do horizonte de realização do “desenvolvimento” contido nos discursos em sua defesa e a favor da sua disseminação pelo globo.

“O que hoje estamos vivenciando [início dos anos de 1970] não é apenas uma crescente polarização – inerente à crise estrutural global do capitalismo atual – mas, igualmente, o que multiplica os riscos de explosão, o colapso de uma série de válvulas de segurança que cumpriam um papel vital na perpetuação da sociedade de mercado (...) foi bastante dramática a mudança que solapou o poder da política de consenso, da limitada institucionalização e integração do protesto social, da expressão, da exportação fácil da violência interna, por meio de sua transferência ao plano dos conflitos internacionais mistificantes etc. No entanto, há muito pouco, o crescimento sem barreiras e a multiplicação do poder do capital, a irresistível extensão de seu domínio a todos os aspectos da vida humana eram fatos proclamados com toda a segurança e amplamente aceitos. **O funcionamento não problemático e sem distúrbios das estruturas capitalistas de poder era tomado como certo, e declarado como feição permanente da própria vida humana**, e os que ousavam pôr em dúvida a justeza de tais declarações de fé eram imediatamente desqualificados pelos eternos guardiães da hegemonia burguesa da cultura como “ideólogos perdidos”, ou algo pior.” (Mészáros, 2009, p.48 – grifo nosso)

A estreiteza da institucionalização e da integração dos protestos sociais a partir do começo dos anos de 1960, manifestada nas inúmeras tentativas de exportação do conflito social (lê-se Guerra do Vietnã, Guerra Fria, dentre outras), decorrer das barreiras atingidas pelo desenvolvimento capitalista, de modo que o seu funcionamento sem distúrbios não mais se verifica. O capitalismo, com isso, encontra-se em dificuldade para manter seus benefícios a uma parcela da humanidade – trata-se da estreita parcela dos homens e mulheres europeus, estadunidenses e japoneses – quanto mais nutrir os anseios dos demais por esses benefícios.³ Essas barreiras atingidas pelo sistema capitalista seriam, para Mészáros, os “limites absolutos” do desenvolvimento desta sociedade e, ao se aproximar desses limites, a capitalismo iniciaria sua crise estrutural.

Para compreender o conceito de “crise estrutural do capital”, portanto, deve-se explicitar os “limites absolutos” e sua relação com esse crise. Em Mészáros, ao menos dois limites absolutos são identificados pelo autor: o limite ecológico e o limite reprodutivo.

No primeiro caso, o desenvolvimento capitalista não consegue dissociar seu avanço da destruição do ambiente a sua volta e nem o “progresso” de uma produção marcada pelo desperdício. O caráter perdulário da produção capitalista reside, para o autor, na “taxa de uso decrescente” dos valores de uso que estabelece a necessidade de reposição dos valores de uso em um espaço de tempo cada vez menor. Por qual razão, no capitalismo, a taxa de uso dos valores de uso tem de ser decrescente? Pelo simples fato da produção ser destinada à venda – i.e., troca com o objetivo de

³ Ver Mészáros (2009, p.51).

ganho monetário⁴ –, pois, o caráter útil de cada mercadoria está em “ser vendida” e não necessariamente em “ser utilizada”.

“(…) o que é verdadeiramente vantajoso para a expansão do capital não é um incremento na taxa (ou na intensidade) com que uma mercadoria – por exemplo uma camisa – é usada, e sim, pelo contrário, o decréscimo de suas horas de uso diário. Pois, enquanto tal decréscimo for acompanhado por uma expansão adequada do poder aquisitivo da sociedade, isso cria a demanda por outra camisa”. (Mészáros, 1989, p. 24)

“Os imperativos da lucratividade [venda com ganho monetário] em escala inexoravelmente crescente (…) trazem consigo a desconcertante consequência de que, não importa quão ‘calculista’ e ‘racionalis’ ou ‘economicamente conscientes’ as empresas particulares possam (de fato, devam) ser, no interesse de sua própria sobrevivência no mercado, o sistema como um todo é absolutamente dissipador, e tem de continuar a sê-lo em proporções sempre crescentes”. (Mészáros, 1989, p. 27)

O sentido da produção capitalista exige o seu crescimento constante, de modo a avançar sobre os recursos existentes. Entretanto, esse caráter perdulário do capitalismo e seu crescente avanço sobre os recursos naturais poderiam ser tomados enquanto um componente do comportamento humano ou apresentados como contornáveis pelo desenvolvimento tecnológico. Em resposta ao segundo argumento, Mészáros assevera o seguinte:

“(…) argumentar que ‘ciência e tecnologia podem solucionar todos os nossos problemas a longo prazo’ é muito pior do que acreditar em bruxas, já que tendenciosamente omite o **devastador enraizamento social da ciência e da tecnologia atuais**. Também nesse sentido, a questão central não se restringe a saber se empregamos ou não a ciência e a tecnologia com a finalidade de resolver nossos problemas – posto que é óbvio que devemos fazê-lo –, mas se seremos capazes ou não de redirecioná-las radicalmente, uma vez que hoje ambas estão estreitamente determinadas e circunscritas pela necessidade da perpetuação do processo de maximização dos lucros.” (Mészáros, 2009, p.53 – grifo nosso)

Se a ciência e a tecnologia não são neutras, logo, possuem um “enraizamento social”, o argumento de Mészáros conduz à necessidade de se pensar sob qual lógica social está subordinada a tecnologia. Em outros termos, o critério da produção ser o da máxima lucratividade pressupõe uma forma de “controle social” da produção que sujeita a tecnologia e a ciência, bem como os homens, que dela fazem uso. A resposta do autor a primeira crítica ao limite ecológico aponta para a tematização do “controle social”:

“uma reestruturação radical do modo prevalecente de intercâmbio e controle humano é o pré-requisito necessário para um controle efetivo das forças da natureza, que são postas em movimento de forma cega e fatalmente autodestrutiva precisamente em virtude do modo prevalecente, alienado e reificado de intercâmbio e controle humanos.” (Ibid).

⁴ Tal identificação não é uma afirmação somente marxista e já se encontrava em Smith (1988, p.17-30). Para uma análise da relação entre comércio e desenvolvimento humano, ver Braga (2011).

Ao reconhecer que os homens estão imersos em determinada estrutura social, na qual prevalece um tipo de *intercâmbio e controle humanos*, Mészáros deixa indicado que a relação entre os homens e destes com a natureza, no capitalismo, não é a realização do modo de ser do homem e sim um estado no qual os homens se encontram. A mudança no estado das coisas, por seu turno, exige uma transformação substantiva da forma de intercâmbio e do controle humanos. Do contrário, o necessário avançar sobre os recursos naturais constitutivos da atual lógica de intercâmbio e controle humanos pode vir a liquidar a própria existência humana. Por conseguinte, não se pode tratar a questão ecológica descolada do padrão produtivo vigente. Até porque, como aponta Mészáros, a própria reprodução do capitalismo encontrou um limite absoluto.

Para o autor, a reprodução da acumulação capitalista sob a égide do “complexo militar-industrial”⁵ se encontra, desde o final dos anos de 1960, em colapso por conta do crescimento concentrador e centralizador inerente ao capital. Essa maneira própria de expansão do capital produziu dois efeitos.

De um lado, ampliou a dificuldade em manter os trabalhadores subordinados ao capital, na medida em que a expansão do capital, ao expandir o “trabalhador coletivo”, articula os diversos trabalhadores ao redor do globo em um sistema hierárquico global que esgarça o ciclo reprodutivo do capital. O que implica ao menos três problemas, da perspectiva do capital: amplia a dificuldade para manter a continuidade do processo produtivo, eleva o receio da interrupção deste processo e acaba por gerar mais estiramento do sistema produtivo a cada novo distúrbio.⁶

O controle social estabelecido pelo capital, em outras palavras, à medida que se expande, tem maiores dificuldades em manter o controle sobre o processo produtivo global. A razão para isso é a fluidez do capital exigir a sua articulação global, de modo a desestruturar os mecanismos locais de controle tradicionalmente constituídos – educação estatal, religião e família⁷ – ao mesmo tempo em que não é capaz de estabelecer um “governo global”:

“No decurso do desenvolvimento humano, a função do controle social foi alienada do corpo social e transferida para o capital, que adquiriu assim o poder de aglutinar os indivíduos num padrão hierárquico estrutural e funcional, segundo o critério de maior ou menor participação no controle da produção e da distribuição. Ironicamente, porém, **a tendência objetiva inerente ao desenvolvimento do capital em todas as esferas** – da fragmentação mecânica do processo de trabalho à criação de sistemas automatizados, da acumulação local de capital à sua concentração na forma de um sistema mundial em contínua expansão, da divisão parcial e local do trabalho à vasta divisão internacional do trabalho, do consumo limitado ao consumo de massa artificialmente estimulado e manipulado, a serviço

⁵ Ver Mészáros (1989, p. 73-94).

⁶ (Mészáros, 2009, p.54).

⁷ (Ibid, p.59).

de um ciclo de reprodução cada vez mais acelerado da sociedade de mercado, e do “tempo livre” restrito a poucos privilegiados à produção em massa de uma bomba social, a forma de “lazer”, em escala universal – **traz consigo resultados diametralmente opostos ao interesse do capital.** (...) Que o deslocamento objetivo do controle seja descrito, do ponto de vista do capital, como ‘manter a nação como refém’, não muda em nada o próprio fato. Pois o capitalismo do século passado não podia ser ‘mantido como refém’, nem mesmo por um exército dos assim chamados ‘agitadores’, e muito menos por um ‘punhado’ deles”. (Mészáros, 2009, p.55)

De outro lado, o custo do processo produtivo cresceu em demasia. Tal elevação, segundo Mészáros, é perceptível no movimento – posterior ao final dos anos de 1960 e exacerbados a partir dos anos de 1980 – de redução dos salários frente à jornada de trabalho, de ampliação dos déficits estatais com vistas a custear os gastos militares – que se mostram cada vez menos convertíveis em mercadorias – ou industriais; e de acirramento da concorrência intercapitalista.⁸ Um dos reflexos dessas transformações é a crescente perda de autonomia dos Estados nacionais, cada vez mais controlados pelos oligopólios transnacionais:

“Dado o papel vital desempenhado pelo Estado na manutenção, com todos os meios ao seu alcance, do sistema de produção capitalista – numa época de já enorme, embora ainda em expansão, concentração de capital –, são de tal modo grandes os interesses em jogo que as formas tradicionais de controle indireto (econômico) das decisões são obrigadas a ceder lugar a um controle direto dos “postos de comando” da política pelos porta-vozes do capital monopolista. Em contraste com essas manifestações dos desdobramentos econômicos e políticos atuais, que no passado recente e ainda hoje testemunhamos, a mitologia de realizar ideias socialistas através da conquista “pragmática” do controle “dos postos de comando da administração associada” deve soar, na verdade, particularmente falsa (...) portanto, a política – que nada é se não for a aplicação consciente de medidas estratégicas capazes de afetar profundamente o desenvolvimento social como um todo – é transformada em mero instrumento de grosseira manipulação completamente desprovida de qualquer plano global e de uma finalidade própria. A política fica condenada a seguir um padrão de movimento reativo tardio e de curto prazo, em resposta às crises desconcertantes que necessariamente irrompem, numa frequência crescente, na base econômico-social da produção autossaturante de “commodities” e da acumulação do capital que se autoinvalida.”. (p.65)

Outro fator que impacta na ampliação do “custo” da produção está no “sentido” da produção efetuada pelo complexo militar-industrial. Pois, conforme aponta o autor, o efeito da produção militar-industrial em tempos de “paz” é diferente dos seus efeitos quando há um conflito em escala global.

A produção militar-industrial não tem os mesmos efeitos em tempos de “paz” do que em tempos de guerra, uma vez que não há produção em constante destruição, salários em queda,

⁸ Neste particular, o caso de compra das empresas sediadas na Inglaterra – com vasto parque produtivo civil-militar – pelas empresas sediadas nos EUA durante os anos de 1980, no qual o governo inglês perdeu autonomia política e econômica, além de pôr em marcha políticas de achatamento salarial e precarização do trabalho, é ilustrativo e registrado por Mészáros (2009, p. 38-40).

planejamento estratégico da produção e elevação da taxa de lucro. Ao invés de recuperar a lucratividade global do sistema, a economia de guerra em tempos da “paz” amplia a massa de coisas pouco prováveis de serem convertidas em produção de valor, bem como o estoque de “produtos” cujo uso não tem destino. Soma-se a isso o fato de que, diante da elevação do poder destrutivo de uma guerra global – em razão do poder devastador das armas desenvolvidas que, caso utilizadas, poderiam eliminar a vida na terra algumas vezes⁹ – impede-se o uso de um poderoso recurso de recuperação da acumulação capitalista: guerra em escala global. Tal guerra é benéfica para o capital porque, além dos fatores acima elencados, proporciona a queima da superprodução de capital e de homens – no caso do último, supérfluos da perspectiva do capital.¹⁰

A elevação dos custos do processo produtivo, em decorrência da combinação da produção militar com a produção industrial, também provocou o desenvolvimento exponencial das forças produtivas do trabalho. Deste ponto de vista, a modernização propiciada pela conjugação do complexo militar-industrial com a expansão concentradora e centralizadora do capital substituiu grande quantidade de trabalho pouco qualificado por menor quantidade de trabalho mais qualificado. Em princípio, conforme sinaliza Mészáros, não há nenhum empecilho inerente à tecnologia para que, crescentemente, economize-se trabalho e, com isso, exija menos trabalhadores em proporção à quantidade de “meios de produção” por estes postos em movimento; porém, afirma o autor, “há de fato uma excelente razão por que essa tendência tenha de se reverter sob as relações capitalistas de produção: os critérios desastrosamente restritivos da lucratividade e da expansão do valor de troca aos quais tal ‘modernização’ está necessariamente subordinada”.¹¹

Em outros termos, para o autor, o critério norteador do processo produtivo impede a generalização da “economia” de trabalho e aponta para o problema desta redução de trabalho para o próprio sistema. Para a compreensão desta relação, deve-se examinar o conteúdo do critério da produção capitalista: a “expansão do valor de troca”.

O critério estabelecido pelo capitalismo para a produção ser, do ponto de vista do capital, produtiva, a “expansão do valor de troca”, estabelece uma contradição fundamental no interior do capitalismo. Para ser mais rigoroso, o critério não é a “expansão do valor de troca” e sim a “expansão do valor”, pois, conforme demonstrou Marx, o “valor de troca” é a expressão de algo comum aos produtos do trabalho enquanto mercadorias: serem resultado do trabalho humano.

⁹ (Ibid, p.66-7). Evidentemente, as guerras locais não estão descartas, mas o seu efeito são limitados frente às exigências de queima de capital do sistema.

¹⁰ (Ibid, p.66).

¹¹ (Ibid, p.68-9).

O valor, por sua vez, não se apresenta na forma de trabalho contido em dada mercadoria. Se expressa por meio da “grandeza de valor” que, em termos sintéticos, é o tempo de trabalho socialmente necessário à produção de determinada mercadoria. A unidade de medida do valor, definida deste modo, é socialmente estabelecida. O que significa que é o fato de o conjunto dos produtos do trabalho, gerados pela totalidade da sociedade, serem destinados à troca que estabelece, enquanto valor destes produtos, não seus respectivos valores de uso, mas sim a “grandeza de valor” correspondente a cada produto: o tempo de trabalho em média gasto pela sociedade para a produção de cada produto. A “grandeza de valor” de cada mercadoria, por sua vez, não se expressa por si própria, mas por meio da relação de troca com outra mercadoria, de modo que, ao ser uma mercadoria o espelho da outra, a mercadoria espelhada revela o valor pelo qual pode ser trocada pela mercadoria que serve de espelho; ou seja, revela o seu “valor de troca” no ato de troca pela outra mercadoria na qual está em relação. Se a mercadoria na qual o valor é espelhado for o dinheiro, tem-se o preço da mercadoria.¹²

Ao se relacionar o critério de medida da riqueza da sociedade capitalista e o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho¹³ – i.e., com o mesmo esforço gerar mais valores de usos – proporcionado pelo avanço nas formas de organização do trabalho e da combinação da ciência com os processos de trabalho, depreende-se o fato de que, para uma maior produção de valores de uso, em geral se tem uma menor produção de “valor”, haja vista que se pode ter passado a despendar, socialmente, menos tempo de trabalho do que antes por unidade de mercadoria produzida. Em verdade, da perspectiva de um único capitalista a ampliação das forças produtivas em sua indústria é bastante benéfica para ele, na medida em que o capitalista em questão pode produzir mais coisas em menos tempo e vender pela média social, que ainda estará elevada, uma vez que a descoberta não se socializou. Contudo, à proporção que o conjunto ou os principais produtores incorporam a nova forma de produzir ou a ultrapassam, a medida social modifica-se e se perde este “extra” em relação à medida social.¹⁴ Evidentemente, a relação entre forças produtivas do trabalho, grandeza de valor e valores de uso pode ser desdobrada de diversas maneiras¹⁵, porém, para o presente trabalho, resta reter o seguinte ponto: se é o dispêndio (social) de trabalho para produzir coisas “úteis” – i.e., vendáveis – que conta enquanto medida da riqueza, poupar trabalho, que do ponto de vista da concorrência intercapitalista é benéfico, torna-se, crescentemente, um

¹² Aqui se trata de uma síntese, com alguns pulos no argumento, da exposição de Marx (2013, p.113-46).

¹³ Para ver a relação entre força produtiva do trabalho e valor, ver Marx (2013, p.116-8).

¹⁴ Desdobra-se deste fato a necessidade de se estar a descobrir novas formas de ampliar as forças produtivas do trabalho é o estado normal de qualquer conglomerado, justamente para usufruir deste ganho. Ver Postone (1993, p.186-225)

¹⁵ Para tanto, ver Marx (2013, p.130-1).

problema do ponto de vista da produção de riqueza capitalista, justamente porque nega o fundamento desta riqueza: dispêndio de trabalho.

A solução para esse problema pode ser tanto a queima do excesso de produção, cuja impossibilidade no atual estágio histórico se destacou acima, quanto a ampliação dos momentos da vida humana transformados em trabalho, juntamente com a ampliação dos espaços para a realização da produção. O que exige a expansão de um sistema de consumo e produção excessivamente perdulário, de modo a esbarrar, novamente, no limite ecológico. Ademais, reduzir os homens a trabalhadores, ampliando a intensidade do trabalho, deformar e mutilar o corpo e a mente humanas.¹⁶

O exame dos dois principais “limites absolutos”, portanto, apontam para o cerne da caracterização da crise aberta a partir dos anos de 1970 enquanto “crise estrutural do capital”: a exasperação da contradição entre a medida da riqueza e as exigências da geração de riqueza não encontra uma solução nos marcos do “controle social capitalista” capaz de conjugar seu desenvolvimento com o horizonte de “desenvolvimento”, para os homens, contido nos seus discursos em sua defesa.¹⁷ A manifestação do acirramento da contradição pode ser verificada no crescente custo do complexo industrial militar para gerar riqueza, do ponto de vista capitalista, justamente porque o trabalho direto – i.e., relativo à produção de *valor* – é cada vez mais reduzido frente ao trabalho indireto – aquele necessário para pôr o trabalho direto em operação. Em outros termos, trata-se de uma elevação exorbitante dos custos de reprodução do capital global, uma vez que, para produzir mais-valor, necessita-se mobilizar cada vez mais trabalho passado e trabalho indireto, ampliando, assim, as necessidades de mobilização de recursos, a fundo perdido, por parte dos Estados Nacionais para os agentes do capital. Essa necessidade, contudo, apresenta-se em conjunto com a crescente *redução relativa*¹⁸ da participação no processo produtivo da mercadoria fundamental à valorização – a força de trabalho – de modo que o trabalho vivo se torna, crescentemente, dispensável, a despeito de ser indispensável à *existência* da riqueza capitalista: o valor.¹⁹ O que, por seu turno, exige, dos trabalhadores, ainda mantidos sobre o jugo do capital, condições cada vez mais aviltantes e extenuantes de trabalho, na medida em que os custos globais

¹⁶ A esse respeito, podem-se consultados os trabalhos de Maria Rita Kehl, de Ricardo Antunes e de estudiosos do campo da sociologia do trabalho.

¹⁷ Sobre tais discursos, ver Mészáros (2009, p. 47-51).

¹⁸ Trata-se de uma redução relativa, i.e., à quantidade de trabalho direto frente à quantidade de trabalho indireto e trabalho passado é crescentemente menor com o desenvolvimento do capitalismo.

¹⁹ É importante destacar a presença dessa tendência desde a constituição do capitalismo, com a qual este tem lidado de forma relativamente eficaz – i.e., eficaz da perspectiva do capital – ao mesmo tempo em que proporcionou ganhos “civilizadores” (por exemplo, “emulação” do padrão de consumo). Para uma explicação detalhada desta contradição, ver Marx (2013, p.689-784). Sobre o conceito de “emulação” e seu desdobramento na comparação “odiosa”, ver Veblen (1988, p. 5-20).

do sistema não permite realizar o “bem-estar social” nem para aqueles que dele usufruíram durante uma parcela do século XX.²⁰

A despeito de os limites acima apontados serem absolutos e marcarem o início da crise estrutural do capital, não se advoga uma visão ingênua de que não haveria mais saída para a expansão capitalista e para o deslocamento manipulador de muitos dos seus problemas. O diagnóstico desses limites pretende atentar para os elevados (e crescentes) riscos e confrontações provenientes da tentativa de manter a organização social regida pelo capital.²¹ Diante desse quadro, a dissociação entre a reprodução do capitalismo e o horizonte de realização do “desenvolvimento” condito nos discursos em sua defesa (o “bem-estar social”), marcante da “crise estrutural”, é, em verdade, a crise estrutural da organização social cujo controle é estabelecido pelo capital. Em poucas palavras, trata-se da “crise estrutural do capital”. Qual o caminho indicado pelo autor para a superação da crise estrutural do capital?

A fim de não se atingir o limite ecológico, bem como eliminar o limite à reprodução das condições materiais necessárias à vida social, e, por conseguinte, sair do caminho da barbárie, o qual tem sido trilhado pelo desenvolvimento sob o jugo do capital, Mészáros propõe a superação de outro limite inerente ao capitalismo: o *controle alienado*. Por ser um sistema produtivo no qual sua reprodução ocorre à revelia dos “sujeitos” que o compõe, a proposta do autor consiste em estabelecer o *controle social* da reprodução das condições necessárias à vida em sociedade. Em outras palavras, propõe-se a construção do controle adequado à sobrevivência da humanidade. Nas condições atuais, isso significa estabelecer como critério de reprodução das condições necessárias à vida social a “economia da atividade produtiva”: menor tempo dedicado ao trabalho necessário e a conversão do trabalho excedente em tempo livre – i.e., em tempo efetivamente humano. E, conforme lembra o autor, para se estabelecer efetivamente este critério, o sistema de controle alternativo deve ser global, para ser capaz de confrontar o sistema global do capital.²²

Considerações Finais

A título de comentários finais, ao menos três desdobramentos da interpretação de Mészáros quanto à atual crise econômica, desencadeada pela crise financeira de 2008, podem ser elencados. Em primeiro lugar, a depressão econômica gerada pela crise financeira de 2008 é a manifestação de

²⁰ A recente crise da “zona do euro” e as condições de trabalho no leste asiático expõe essa questão de forma cabal.

²¹ Cabe lembrar que até mesmo onde se dizia que tudo ocorria as mil e uma maravilhas, o Brasil, ocorreram diversas manifestações de grande envergadura, capazes de conduzir multidões às ruas. Sobre essa questão ver Maricato et al (2013).

²² Ver Mészáros (2009, p.73).

uma crise mais profunda porque, para o autor, manifesta a crise da reprodução social sobre o controle do capital, cuja solução, da perspectiva do capital, é avançar sobre os recursos do Estado e, crescentemente, empobrecer a classe trabalhadora.

Em decorrência desse quadro para o desenvolvimento capitalista, advém o segundo desdobramento: a competição intercapitalista e entre os trabalhadores tende a se elevar sobre maneira. E, no caso destes últimos, a crescente dificuldade de “emulação” do consumo dos extratos superiores da sociedade, ao mesmo tempo em que o *crescente* consumo permaneça como critério de comparação para se definir em um bom estado de vida, tende a exacerbar o caráter fratricida desta concorrência.

Diante do acima apresentado, o cenário que se desenha não se mostra favorável para os humanos – tão pouco para os demais seres vivos – e, por isso, compreende-se que a solução, tanto para a crise econômica em curso quanto para o flagelo social desencadeado por ela, não passa por alterações das políticas econômicas do Estado (ou dos organismos multilaterais) ou por reformas com vistas a modificar o padrão de acumulação capitalista; e sim exige a transformação da forma do controle social: do capital para os humanos. Essa transformação, por sua vez, compreende pautar o padrão de reprodução das condições materiais necessárias à vida social pelo critério da “economia da atividade produtiva”. O que implica, dentre diversos passos, ao menos dois: reconhecer como “riqueza” depender cada vez menos “trabalho necessário”, de modo a pôr em questão a transformação de toda a vida em “trabalho necessário”, e discutir a “igualdade substantiva” e a “teoria da transição”.

Referências

- BRAGA, Henrique P. **Riqueza e Progresso**: uma introdução ao estudo dos limites da sociedade capitalista. Dissertação de Mestrado: Unicamp, 2011.
- GUTTMANN, Robert. *Um Introdução ao Capitalismo Dirigido pelas Finanças*. In: Novos Estudos CEBRAP. 2008, nº 82.
- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013. Volume I
- MARICATO, Erminia et al. **Cidades Rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013.
- MÉSZÁROS, István. **Reprodução Destrutiva e Estado Capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1989.
- _____. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- POSTONE, Moishe. **Time, labor, and social domination**: a reinterpretation of Marx's critical. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- VEBLÉN, Thorstein. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1988.